

Ano XXXVIII - N.º 4

Revista Mensal

2,50 €

Abril 2022

MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



GUIA-NOS
PELAS SENDAS DA PAZ

Sumário



Abril 2022 | N° 4 | Ano XXXVIII

EDITORIAL

- 3 O véu do Templo rasgou-se**
Frei Severino

HOMEM E SOCIEDADE

- 4 Profetas do nosso tempo**
Mikhail Gorbatchov
Fabrizio Bordin

- 6 Mundivivências**
Uma renúncia pouco falada
Miguel Panão

- 8 Páscoa**
A morte não mata a vida
Manuel António Ribeiro

- 10 Pés na Terra**
Men in black
Os homens de negro
Inês Espada Vieira

- 12 Artes e Letras**
Livros:
O debate sobre São Paulo
Práticas Espirituais Católicas
Rui Vasconcelos
Cinema:
Um Herói
Pe. Manuel Monteiro Mendes

- 14 Memória e tradição**
Quadras Populares
de Santo António
Pedro Teotónio Pereira

CONTRACAPA

- 36 Consagração da Ucrânia e da Rússia ao Imaculado Coração de Maria**

ESPECIAL

- 15 Caminhada sinodal -3**
Sinodalidade: ação e caminho segundo o bem
Juan Ambrosio (coordenação)
Inês Espada Vieira
Francisco Vaz
Américo Pereira

IGREJA A CAMINHO

- 23 Reflexão**
Se formos um mundo sem paz
Primo Mazzolari

- 24 Ponto e contraponto**
Papa Francisco...
Há nove anos
Idalino Simões

- 26 Traços de uma Presença**
Um artesanato para a paz
Juan Ambrosio

- 28 Além do sofá**
Quem canta, reza duas vezes
Inês Santos e Gonçalo Oliveira

PÁGINAS ANTONIANAS

- 30 Os Sinais de António - 01**
Sinalética Antoniana
Fabio Scarsato

- 32 Devoção**
Orações a Santo António
Primeira Terça Feira do mês

- 34 Santo António mestre da palavra**
A misericórdia do Senhor
Frei Valentim Strappazzon

Diretor

Frei José Augusto Marques
(Carteira Profissional TE-101)

Diretor-adjunto

Secundino Correia
(Carteira Profissional TE-1302)

Administrador

Frei Fabrizio Bordin

Redação

Frei Severino Centomo

Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural
Mensagem de Santo António,
entidade sem fins lucrativos
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6
3040-718 Castelo Viegas

Atendimento:

segunda a quinta
das 10:00 às 12:30
e das 15:00 às 17:00

NOVO Telefone: 239 097 984

Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

Preço da assinatura anual

Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	50€ - \$75 (CAN)

Preço avulso:	2,50 €
Números atrasados:	3,50 €

NIB da ACMSA

001000004251041000159

IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159

SWIFT/BIC: BBPIPTPL

Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda
Travessa Sá e Melo, 209
4471-909 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

Edição digital

<https://santoantonio.live>

Tiragem do número anterior:

2.600 exemplares



Capa: *Mãe aconchegando o seu bebé, num bunker, na Ucrânia.* Foto 3/3/2022 | Marko Subotin - stock.adobe.com.

Editorial: *Arte de rua do artista Laika*, mural na cidade de Roma, Itália, no Dia Internacional da Mulher, 08 Março 2022. EPA/RICCARDO ANTIMIANI.

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012.

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

O véu do Templo rasgou-se



Frei Severino Centomo

Quando Jesus, na cruz, exalou o último suspiro, o evangelista Mateus anota que “o véu do templo rasgou-se” (Mt 27, 51). Quer dizer, a morte de Jesus fendeu o céu e a terra deixando entrever o poder da nova força que, daqui em diante, iria permear a terra: a força da ressurreição, ou seja, a força do amor que tudo quebra e vence.

O Templo, na altura de Jesus, era o símbolo do poder religioso que, em vez de cumprir a sua missão de libertação e de justiça, se tinha tornado um poder de opressão. O “rasgar do véu do templo”, portanto, significa que com a ressurreição de Jesus Cristo já não há nada que nos possa separar d’Ele, da Vida.

Esta anotação evangélica traz esperança e luz para a situação que o mundo, hoje, está a viver, devido à guerra absurda da Rússia contra Ucrânia. Na verdade, diante de uma decisão de recorrer às armas para fazer valer os próprios “direitos”, assistimos a um descalabro de destruição e de morte que atinge todos. O Papa Francisco, numa das suas numerosas intervenções em favor da paz, afirma:

Com a guerra tudo se perde. Não há vitória numa guerra: tudo é derrotado. A guerra é uma derrota para a humanidade. Rezemos para que o Espírito do Senhor nos liberte

a todos desta necessidade de autodestruição, que se manifesta através do desencadear da guerra, e trabalhem em conjunto pela paz ou, como diz a Bíblia, para fazermos das armas instrumentos para a paz.

É verdade: mete tristeza, este ano, celebrar a Páscoa sobre os escombros das destruições e com as feridas ainda abertas que deixam escorrer sangue e lágrimas; porém, o rasgo de luz e de esperança que se levanta do túmulo vazio de Cristo não deixa dúvidas: “A morte está vencida, Aleluia! Cristo Ressuscitou e nós com Ele! Aleluia!”.

Queremos aqui deixar o nosso agradecimento pelo exemplo de coragem e de fé que o povo ucraniano demonstrou e continua a demonstrar nesta dolorosa circunstância. Certamente, a fome de liberdade, de justiça e de amor para a sua terra são já sinais fecundos de ressurreição.

Oxalá a foto do mural, representando o abraço que uma mulher russa e outra ucraniana trocam em tempo de guerra, seja o símbolo de um futuro promissor, onde já não há inimigos, mas irmãos e irmãs que se abraçam e, juntos, lutam por um mundo melhor.

Santa Páscoa para os nossos leitores e amigos e para os homens todos que Deus ama! ■



Frei Fabrizio Bordin

Ronald Reagan e Mikhail Gorbachov na Cimeira de Reykjavik, 1 outubro 1986. Foto da Coleção Fotográfica da Casa Branca, Commons Wikimedia. Retrato de Mikhail Gorbachov, 12 maio 2010. Foto de Veni Markovski, Commons Wikimedia,

VALEU-LHE O PRÊMIO NOBEL DA PAZ?

No meio do turbilhão desta horripilante guerra na Ucrânia, por parte da Rússia de Vladimir Putin, resolvi apresentar a figura de um estadista que contribuiu – bem ou mal, a história o dirá – para a transformação da vida política e social da Rússia e do mundo. Trata-se de Mikhail Gorbachov, que recebeu, há mais de trinta anos, a 15 de outubro de 1990, o Prémio Nobel da Paz.

A pergunta que me surgiu logo foi: será que valeu a pena? Com a queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, e a reunificação da Alemanha, a 3 de Outubro de 1990, vivia-se um momento de grande esperança na Europa. E o Nobel da Paz trazia uma mensagem de otimismo ao mundo: tinha acabado a Guerra Fria.

Porém, quem é Mikhail Gorbachov? Quais as suas origens, o seu percurso, a sua “profecia”? Gorbachov, agora com 91 anos, é um estadista e político de origem russa e ucraniana. Nasceu a 2 de março de 1931, em Privolnoye, na União Soviética, numa família pobre camponesa. Na sua juventude trabalhou numa fazenda coletiva antes de ingressar no Partido Comunista que, à época, governava a União Soviética sob um regime unipartidário de orientação marxista-leninista. Durante os estudos, na Universidade Estatal de Moscovo, conhece Raissa Titarenko que se tornará sua esposa. Em 1955, licencia-se em Direito e mais tarde também em Economia Agrária. Na sua terra natal inicia a carreira política tornando-se, em 1970, Primeiro Secretário do Comité do Partido Comunista no território de Stravopol. Vai subindo na carreira política até se tornar membro do Comité Central do Partido e, oito anos mais tarde, um dos Secretários do PCUS, em Moscovo. Passado pouco tempo, faz já parte do Politburo do mesmo Comité Central, sendo nomeado presidente do Partido, o mais alto cargo do País, em 1985, com 54 anos de idade.

As viagens na Alemanha, Canadá e Reino Unido abrem-lhe a visão e começa a reconsiderar a maneira de conduzir o seu País e a posição do mesmo dentro do equilíbrio mundial (a dita geopolítica). Durante o XXVII Congresso do PCUS, em fevereiro de 1986, lançou três grandes processos de mudança: a *Glasnost* (transparência), a *Perestroika* (reestruturação) e a *Uskorenie* (aceleração do desenvolvimento económico).

As mudanças detêm a corrida aos armamentos e levam a uma modificação radical da política soviética. Em 1986, Gorbachov e Reagan reuniram-se em Reiquejavique para discutir a redução dos arsenais nucleares instalados na Europa. Em 1987 pôs fim à chamada Doutrina Brezhnev, que havia levado à criação do “bloco oriental” impedindo as nações controladas pela URSS de deixarem o Pacto de Varsóvia. A ação conjunta dos governos da União Soviética, dos EUA e dos principais países do “bloco ocidental” lançou as bases para o fim da Guerra Fria, que, em 1989, levou à queda do Muro de Berlim. Em 1990, o primeiro parlamento russo a ser eleito democraticamente em eleições livres nomeia Gorbachov como presidente da União Soviética, substituindo o cessante Gromyco. No mesmo ano recebeu o Prémio Nobel da Paz pela sua ação contra a corrida aos armamentos.

Ao receber o Nobel, estava no auge da popularidade no Ocidente, mas nem tanto na União Soviética. Apesar de tudo, ainda hoje, continua convicto de que agiu para o bem dos russos e dos povos vizinhos, os polacos, os checos, os búlgaros, os húngaros, os alemães da RDA: “Eu não poderia negar os direitos de liberdade e democracia”.

Ele não poderia imaginar que, um ano após a entrega do Prémio Nobel da Paz, as intrigas à sombra do Kremlin o iriam destronar. A verdade é que a estima e simpatia dos cidadãos russos por Gorbachov não era geral e absoluta, embora os ambientes intelectuais e a parte mais dinâmica dos soviéticos o apreciassem, entendendo bem a relevância do seu contributo para o desarmamento e para o evitar da ameaça nuclear e de um conflito inimaginável com os Estados Unidos. Mas a condição material das famílias era deplorável, os bolsos e os frigoríficos estavam vazios.

Tudo isso abriu caminho para o golpe de agosto de 1991 e o advento de Boris Yeltsin. As grandes esperanças começaram a rachar. E quando a União Soviética se dissolveu e com ela o já vacilante poder de Gorbachev, houve quem proclamasse a grande vitória do modelo encarnado pelo Ocidente com a supremacia dos Estados Unidos. Na verdade, este modelo e suposta supremacia duraram pouco, com a rápida evolução de novos sujeitos: a China, a Rússia de Putin e potências regionais, como a Turquia. E muito por causa da gravíssima crise financeira de 2008, ano em que o Ocidente perdeu muito da sua credibilidade, os sonhos de paz global começaram a dissolver-se.

Já em 2020, alguém dizia: “Uma nova Guerra Fria se aproxima, as desigualdades sociais e económicas estão a afetar a política dos Estados Unidos e da Europa, aumenta a diferença entre uma classe média insustentável e a elite financeira e administrativa... As classes dominantes são incapazes de trazer confiança” (Leonardo Coen). “Não há mais sonhos na política” e Gorbachov foi o último sonho, “foi uma ilusão”.

Talvez seja uma conclusão injusta e pessimista, sobre a figura de um político que se tornou interlocutor de grandes causas, como a paz, o ambiente e a transformação da política mundial. E o atual cenário de guerra pode levar-nos a pensar num retrocesso da vida política, económica e social da Rússia. No entanto e paradoxalmente, após a renúncia forçada de Gorbachov, os russos começaram a sentir mais simpatia por ele do que antes, quando estava no comando da União Soviética. De facto, existe um ditado em Moscovo: “Na Rússia, as pessoas amam aqueles que são ofendidos, humilhados e esmagados”.

Acredito que este sentimento de amor e de solidariedade abrange não só as figuras que contribuíram para o “bem” da Rússia, mas também os “irmãos ucranianos” horivelmente esmagados neste momento. O gesto da jornalista russa, Marina Ovsyannikova, que no passado dia 14 de março, invadiu o estúdio durante as notícias do *Channel One* (principal emissora estatal da Rússia) e exibiu uma placa em que estava escrito “Não à guerra”, foi um ato extraordinário e heróico contra o regime de Putin. Ao correr riscos pessoais muito altos, ela grita bem alto que a oposição à guerra não é uma ilusão e que a paz não é uma utopia! ■



Uma renúncia pouco falada

Miguel Panão

Nesta quaresma gostaria de fazer uma renúncia de que pouco se fala, mas que me parece cada vez mais transformativa: renunciar à pressa.

Na primeira missa desta quaresma, o Frei Fabrizio sugeria que escrevêssemos a nossa renúncia numas pedras — se percebi bem — que as crianças haviam preparado. Estava para fazê-lo, mas não tive oportunidade. A ideia era simples e implicava um compromisso assumido publicamente, mesmo se não assinássemos. Porém, pensei partilhar-vos o que iria escrever. Nesta quaresma gostaria de fazer uma renúncia de que pouco se fala, mas que me parece cada vez mais transformativa: renunciar à pressa.

Ao fim de vários anos de poupança, o ano passado conseguimos adquirir um veículo elétrico. Além de ser uma alteração na nossa família para poupar nas viagens para o trabalho, e encaminhar-nos para um estilo de vida mais sustentável (o fim de vida das baterias há-de resolver-se), dei-me conta de que um veículo elétrico re-educar o nosso modo de conduzir. Para carregar a bateria o mais possível em cada viagem, ou poupá-la, a melhor solução é conduzir sem pressa.

Depois de qualquer trajeto, a ausência de pressa faz-me sentir mais sereno. Este é um efeito que não esperava.

As renúncias mais habituais na quaresma referem-se a coisas (chocolates, café, tabaco, etc.), mas podemos também renunciar a determinados comportamentos. Na era digital, supostamente, temos mais tecnologia para nos ajudar a dedicarmos mais tempo ao que mais gostamos e a quem mais amamos, mas isso não acontece.

Quantas vezes não nos queixamos ou ouvimos as queixas dos outros de não haver tempo sequer para coçar a cabeça? Vivemos sob a égide de um relógio que fragmenta o tempo e, também, a nossa vida. O modo como experimentamos o tempo precisa de conversão e daí o desejo de renunciar à pressa.

Um modo de renunciar à pressa será fazer menos coisas, optando pelas que são essenciais. O tempo pode ensinar-nos a ser criativos, a mantermo-nos de mente aberta, mas também a apreciar o valor do tédio e do nada-fazer. Não significa inatividade, mas parar para apreciar. Diz Jenny Odell no seu livro *How to do nothing* que — “a prática de nada fazer tem algo mais abrangente a oferecer-nos: um antídoto à retórica do crescimento”.

Não é para crescer o valor na conta bancária que tanta gente anda com tanta pressa? E para quê? Existem muitos espaços e períodos na vida que não são instrumentalizáveis, ou atividades e pensamentos que não são comercializáveis. É preciso protegê-los. Manter e cuidar bem do espaço e tempo para os relacionamentos não é compatível com uma vida cheia de pressa.

Uma razão para as pessoas andarem cheias de pressa relaciona-se com a produtividade, mas isso advém de uma noção incorreta desse termo. Habitualmente, as pessoas tendem a pensar que ser produtivo significa fazer muita coisa em pouco tempo, mas isso compromete a qualidade daquilo que fazemos. Na minha experiência, ser produtivo significa fazer bem o que tenho para fazer agora... sem pressa. Na linguagem do Evangelho significa fazer a Vontade de Deus. Mas existe uma Lei da Produtividade que ajuda a compreender melhor a impressão de termos de fazer muita coisa em pouco tempo:

$$\text{Produtividade} = \text{Concentração} \times \text{tempo}$$

Por isso, se tiver pouco tempo, preciso de estar muito concentrado, mas se tiver muito tempo, posso estar menos concentrado desde que se faça um pouco de cada vez. Renunciar à pressa para ser mais produtivo não serve apenas para a nossa vida profissional, mas serve, também, para um maior aprofundamento da vida espiritual.

Pode ser prolongando um pouco mais a elevação da hóstia para adorarmos Jesus. Pode ser rezar mais lentamente para meditar bem cada palavra pronun-

ciada e deixar que faça efeito no coração. Pode ser uma maior lentidão ao sair da Igreja no final da missa para ver bem cada pessoa com quem construímos uma comunidade e, quem sabe, trocar umas palavras em conversa.

Ninguém é perfeito no modo como procura viver sem pressa ou qualquer renúncia em período quaresmal. E há quem justifique a pressa com a boa intenção de pôr algumas coisas para a frente. Caso contrário, os processos iniciados não se fecham para dar início a novos processos. E sabemos que algumas coisas exigem de nós celeridade porque se o pobre tem fome, como não ter pressa em dar-lhe de comer? Mas não caímos no risco de que as pressas resultem em “indigestões” por não mastigarmos bem aquilo que alimenta a nossa vida.

Talvez o segredo esteja em viver o mais possível o que é essencial, o que transforma e o que nos leva a sair de nós mesmos para reconhecermos a serenidade do espaço e tempo relacionais quando renunciamos à pressa daquilo que se revela supérfluo. É um caminho que fazemos juntos e também uma oportunidade de viver uma sinodalidade sem pressa. ■





A morte não mata a vida

Manuel António Ribeiro

Guerra na Ucrânia, 7 de março de 2022. Foto EPA/ROMAN PILIPEY.

Diz-nos a filósofa judia Hanna Arendt que “os homens, embora tenham de morrer, não nasceram para morrer, mas para começar”. É grande a ousadia desta fé na vida sem tempo limitado, que precisamos agora de revitalizar, quando na nossa Europa rufam os tambores de uma guerra que já semeou tantas mortes e sofrimentos aterradores.

O horizonte cristão da vida abre-nos para além da morte, mas os passos que damos nessa direção são quase sempre pequenos e titubeantes, porque não nos asseguram firmes garantias de respostas para as angustiantes perguntas que nos assediam. No calendário da nossa Esperança, há sextas-feiras santas, cheias de gritos desprotegidos. Sentimos isso agora de uma maneira lancinante, ao ver na carne a sangrar dos nossos irmãos ucranianos o corpo de Cristo crucificado.

A alegria da manhã de Páscoa não apaga as descidas aos infernos do sofrimento nem os silêncios de sábado santo, pontuados por despojamentos e abandonos. Será esse compasso de emudecimento que nos desafia a perceber o mistério da semente, que apenas germina a vida anunciada, quando mergulha na escuridão silenciosa da terra.

Acreditamos que no sepulcro vazio de Cristo se inscrevem os indícios de uma existência nova extraordinária, não por sermos sonhadores fantasiosos, mas por acreditarmos que Cristo ressuscitado envolve todos os homens neste movimento de vida imortal. Ele é o Senhor do último dia em que se cumprirão todos os anseios humanos de salvação. É à luz deste mistério, que poderemos vislumbrar o palpitante do Amor mais forte que a morte, reverberado na luminosa madrugada da Ressurreição. A Páscoa de Cristo é fonte de uma esperança inimaginável que nos fará encarar a vida como uma passagem para um ponto Ómega de plenitude.

Precisamos de nos deixar iluminar por esse horizonte, para entrever pressentimentos desta fecundidade eterna nas pequenas ressurreições na nossa vida. A esperança celebrada na Páscoa não é um refúgio num mundo imaginário para esconjurarmos uma perda, mas sim a entrega confiante a um Amor que sustenta a vida. É essa confiança que fará rolar a pedra dos túmulos em que a nossa esperança pode estar sepultada.

Há em nós sonhos, projetos e belas utopias, que podem ficar atrofiados sob o peso de rotinas e obrigações, confortos e seguranças, que assassinam as exigências ilimitadas do nosso espírito. A celebração das alegres festas pascais constitui um convite a romper os hábitos repetitivos que fazem estiolar a frescura, o encanto e a fecundidade deste horizonte de Esperança.

A Páscoa renova aquele feliz momento, em que a noite mais sombria cedeu o passo aos primeiros alvares de uma aurora sem fim, para que à luz dessa magnífica madrugada fique desvelado o futuro sem ocaso da nossa própria ressurreição. Diante das situações incontornáveis, das desconcertantes interrogações e dos profundos desassossegos provocados pela louca violência da guerra, tornamo-nos sedentos de uma fonte de Esperança que não faça estiolar a confiança no modo como olhamos o mundo e encaramos o futuro. Possamos todos nós dessedentar-nos neste manancial, para que a celebração pascal num tempo de tão duras provações possa avivar as brasas da nossa Esperança, verdadeiramente posta à prova. ■

Campanha

1000

novos assinantes



MENSAGEIRO
de SANTO ANTÓNIO

Até 13 de junho

Assine, hoje mesmo, o *Mensageiro de Santo António* e comece já a receber a revista digital e/ou impressa. A sua assinatura fica válida, até 13 de junho de 2023.

11 revistas por ano

11 revistas por ano na sua caixa do correio, incluindo o *Calendário Antoniano* e acesso à edição digital.

Inscrição e pagamento

santoantonio.live/assinantes



Ficha de Inscrição disponível na Internet.

Caso não tenha Internet, peça ajuda a um familiar/amigo ou a um dos freis no convento mais próximo da sua residência.

Receberá de imediato a Referência para efetuar o pagamento.

Se preferir poderá optar pela transferência bancária, devendo, nesse caso enviar o respetivo comprovativo para assinantes@santoantonio.live.





Men in black

Os homens de negro

Inês Espada Vieira

3rd European Catholic Social Days, Bratislava, 18 março 2022. Foto Inês Espada Vieira.

À direita: Abu Sefo com sua família num campo de refugiados, em Metuge, Moçambique. Foto de Luísa Nhamumbo, LUSA 2021.

No verão de 1997, estreou em Portugal um filme chamado *MIB* (ler eme-ai-bi, em “estrangeiro”) em que um jovem e famoso comediante negro, Will Smith, e um menos jovem, menos comediante e branco, Tommy Lee Jones, eram a dupla implacável pelo bem na luta contra o mal. Aliás, o “subtítulo” do filme explicava-o, sobre uma foto dos heróis de óculos escuros: *A proteger a terra da escumalha do universo*. No cartaz do filme, ali estão eles, com armas grandes e potentes nas mãos, semblante sério, e vestidos de negro. *Men in black*.

No mundo das imagens, um dos aspetos que salta à vista são as cores. As cores das peles, das roupas, das casas, da paisagem, das bandeiras, das marcas. Em filmes ou nas séries de TV, além das cores, importa também o tom. Nos encontros e festivais de cinema, há habitualmente um prémio dedicado à fotografia, a esse tratamento da cor e da luz que dá o tom (não só cromático, mas também dramático) ao filme. A fotografia cria a *atmosfera* do filme ou da série.

De algum modo, sem nome de arte ou de especialização técnica, o fotojornalismo e a grande reportagem televisiva, trabalham tons e cores, contribuindo para traduzir também o ambiente mental da história que se quer contar.

No mundo das imagens, as cores são sinal de adesão (a uma causa, a um clube, a um partido) ou de (bom? Mau?) gosto. São uma forma de comunicar, confirmando ou organizando um determinado discurso, complementando uma causa: o cor-de-rosa do laço de solidariedade com as doentes de cancro da mama, o vermelho da papoila de homenagem aos combatentes britânicos mortos na Grande Guerra.

Isto – ler o mundo através de um código simplista de cores – pode ser um problema por várias razões: porque, da mesma forma que não há apenas uma língua, há também uma babel de linguagens não verbais; porque as cores são representativas, mas não esgotam o sentido das coisas.

A Rússia invadiu a Ucrânia no dia 24 de fevereiro de 2022 e um mês depois, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, cerca de 3 milhões e meio de pessoas já tinham abandonado o país. A saída apressada e desesperada dessas pessoas da Ucrânia no último mês tem sido comentada e acompanhada também pelas cores. Por causa da Ucrânia, cidadãos solidários vestem umas calças azuis e uma camiseta amarela; veem-se laços bicolores na lapela ou a enfeitar a carteira; no dia 7 de março, pessoas de criatividade e ação iluminaram o edifício monolítico da embaixada da Rússia em Lisboa com duas grossas faixas de luz colorida: azul e amarelo.

Perante a vaga de refugiados que chega a Portugal – talvez a maior de sempre no nosso país – ouvimos dizer, para justificar a empatia, que “os ucranianos são iguais a nós”. São-no, sim, é certo. Mas porque o dizemos das pessoas ucranianas e não o ouvimos dizer dos sudaneses, dos sírios, dos afegãos? Por causa (também) das cores? Das cores das roupas, da cor da pele? Não somos todos, absolutamente todos, iguais, não no destino, mas nessa dignidade fundamental que o cristianismo reconhece a todas as pessoas?

Como é que nós, Igreja, podemos manter-nos firmes nessa certeza, nessa luta, nesse testemunho sobre a dignidade individual do ser humano? Como podemos contrariar uma certa mercantilização da solidariedade? O que fazer dos homens e mulheres e crianças “feias” e “velhas” e “escuras” e “sujas” de outras paragens, para quem não há caravanas de resgate urgente, portas abertas em casas particulares, escolas *pop-up* para atuar sem delongas?

Não quero ser mal entendida. Acho as ações de acolhimento absolutamente louváveis, necessárias e inspiradoras, até. Mas há um lado lunar neste Portugal que acolhe de braços abertos as pessoas que chegam da Ucrânia, e que continua a ter pessoas refugiadas de outras geografias há semanas (meses) em centros de acolhimento. Ou simplesmente à porta. De que cores os pintam(os), como são vistos?

Estamos cansados de ouvir: precisamos de lideranças fortes, lideranças solidárias e empáticas. Na Igreja, essas lideranças também devem existir. Não só aquela liderança superior do

homem vestido de branco que nos chega do Vaticano, mas a liderança dos *Men in black*, os padres e bispos que são as lideranças intermédias da Igreja.

Quando se juntam, torna-se muito visível uma certa homogeneidade imagética: homens, caucasianos, alguma calvície, cabelos brancos, vestidos de negro. Nada disto são problemas em si, embora seja óbvio que não representam a realidade plural da humanidade. Os bispos usam uma cruz imponente ao pescoço, pendurada de uma corrente (de) prata, assenta abaixo do externo, antes do umbigo. É bonito ver em alguns bispos um certo atrevimento ao usar cruzes, digamos, menos canónicas.

Aproprio-me livremente e transformo em oração as palavras do Papa Francisco, na visita apostólica à Eslováquia em setembro de 2021: que os homens de negro tenham a cruz não ao pescoço, mas no coração; assim, verão a todos, não como inimigos, mas como irmãos e irmãs.

Que nós também assim o saibamos fazer. Sem cromatismos. ■



Livros

Rui Pedro Vasconcelos

O DEBATE SOBRE SÃO PAULO

A leitura das Cartas de Paulo pode constituir para a leitora ou o leitor um desafio dificilmente superável, dada a força das imagens e a capacidade de transmissão de uma mensagem tão densa em tão poucas páginas. Daí que as leituras superficiais possam surgir: ou que Paulo deturpou (complicou) o Evangelho cristão originalmente simples ou que Paulo abriu ao mundo aquela que era apenas uma pequena comunidade judeo-cristã.

N. T. Wright, bispo anglicano, reputado investigador sobre o pensamento de Paulo, neste pequeno livro composto por cinco capítulos, explica algumas questões difíceis relacionadas com a teologia paulina: o conhecimento de Jesus segundo a carne e segundo o Espírito, a expectativa da vinda do Senhor, a relação dos discípulos de Jesus com o Israel de Deus, a linguagem apocalíptica, a salvação dos crentes. No centro da leitura de Wright está a grande conversão do nosso pensamento sobre a vida em Cristo: mais do que uma salvação individual da alma que espera “ir para o céu”, Paulo anuncia um tempo novo inaugurado pela Ressurreição de Cristo, capaz de transformar a vida de uma comunidade como transformou a própria vida do Apóstolo, gerando novas relações e novos modos de habitar o tempo. É a partir desta experiência que todo o pensamento paulino se pode interpretar, suscitando novas perguntas e um novo desejo de compreender a vida em Cristo.

A crença de São Paulo num novo mundo nascente foi uma consequência direta do momento dramático em que foi confrontado com o próprio Jesus, ressuscitado dos mortos pelo Deus de Israel. A Ressurreição de Jesus foi, acreditava São Paulo, o lançamento de

uma nova criação, de um novo mundo nascido das entranhas do antigo. A Ressurreição de Jesus foi o clarão que iluminou tudo em todas as direções como a queda súbita de um relâmpago numa noite escura.



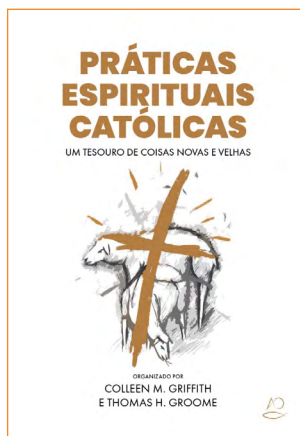
Autor
N. T. Wright
Edição
Lucerna
Páginas
128

PRÁTICAS ESPIRITUAIS CATÓLICAS

As habituais aproximações à espiritualidade cristã tendem a fazer-se, ou de um modo teórico, através de reflexões sistemáticas, ou de um modo biográfico, narrando vidas e episódios de figuras maiores da história cristã. A abordagem que este livro propõe centra-se num conjunto de práticas espirituais retiradas da rica e plural tradição católica, procurando relevar o seu sentido possível para os nossos dias.

Agrupadas em três partes – práticas de oração, de solicitude (na linha das tradicionais obras de caridade) e de crescimento espiritual, são aqui apresentadas 26 práticas espirituais, em breves textos que conjugam uma profundidade teológica com a preocupação pastoral. Da oração do Terço à *lectio divina*, da hospitalidade ao jejum, passando pela memória das irmãs e irmãos que já participam do Dia da plenitude, o leitor encontrará pistas para incarnar a experiência cristã no quotidiano dos dias. Sem constituírem um fim em si mesmas, estas práticas representam auxílios preciosos para possibilitar o crescimento ou aprofundamento de uma consciência renovada, de sentimentos e gestos de reconciliação e comunhão com aqueles que conosco se encontram ao longo do tempo. Aqui não há um modelo de perfeição a atingir, uma regra a cumprir ou objetivos a alcançar: há apenas um caminho, único e pessoal, de discernir, através de práticas concretas, o caminho que o Espírito está a construir com cada um de nós.

Nós envolvemo-nos em práticas espirituais porque procuramos uma forma de vida, uma fé encarnada que nos toque e nos transforme. Na prática espiritual, optamos por um “conhecimento” que brota do âmago do coração. O sentido da prática espiritual nunca é o domínio, mas uma vida relacional mais profunda, um tipo de vida que tira o máximo partido da riqueza da própria fé. ■



Autor
C. Griffith e T. Groome
Edição
Apostolado da Oração
Páginas
200

QUAL É A DIFERENÇA ENTRE MENTIR
E NÃO DIZER A VERDADE?



Um Herói, de Asghar Farhadi, Drama, M/12,
FRA, IRÃO, 2021. Grande Prémio do Júri no
Festival de Cannes 2021.

Pe. Manuel Monteiro Mendes

Confesso que foi por causa da pergunta que serve de título a este texto – lida numa breve crítica (Francisco Ferreira, *Revista do Expresso*, de 25 de Fevereiro) que fui ver este filme do realizador iraniano Asghar Farhadi. E não fiquei desiludido, bem pelo contrário.

Um Herói é um intrincado enredo à volta de umas moedas de ouro que pareciam ser a salvação, mas afinal se tornam uma maldição. E nós ficamos sem saber o que realmente aconteceu. É um filme com muitas camadas.

No centro do filme, como personagem principal, temos Rahim que está na prisão por causa de uma dívida ao seu ex-cunhado e fiador, porque foi enganado pelo sócio. Tem dois dias de precária e vai confiante ter com o cunhado que está a trabalhar nas obras de restauro do túmulo de Xerxes. Aquelas escadas que ele sobe no início do filme são a imagem do calvário que ele vai percorrer até acabar por regressar de novo à prisão; do mesmo modo, aquela ‘escavação’ que andam a fazer antecipa os intermináveis interrogatórios a que ele vai ser sujeito. A teia das relações familiares também desempenha um papel relevante no desenrolar do filme.

Estava tudo encaminhado para correr bem: a sua namorada tinha encontrado uma carteira com algumas moedas de ouro, iam vendê-las e começar a saldar a dívida, se o credor aceitasse. Acontece que quando vão vender as moedas estas já não valem tanto como lhe tinham dito e Rahim decide não as vender. Rahim é um homem honrado e, mesmo querendo muito conseguir a liberdade, a sua consciência vai levá-lo a tentar devolver as moedas à dona. Consegue fazer isso, mas nada vai acontecer como previsto. Rapidamente, ele e os seus vão ficar enredados numa teia feita de meias-verdades e meias mentiras da qual não vai conseguir libertar-se.

Rahim parece honesto e merece uma nova oportunidade, está feliz com a sua nova relação, e a sua namorada também faz tudo para conseguir essa nova felicidade. Mas a desconfiança é um veneno terrível, o ressentimento atrapalha tudo e a inveja ou o ciúme armadilham as relações e as convicções. E as redes sociais são mesmo mortíferas.

“Das malhas familiares aos labirintos da burocracia estatal, ninguém conhece tudo o que está a acontecer (incluindo o espectador), de tal modo que qualquer situação dramática, mesmo a mais anódina, pode transfigurar-se em elemento de um insólito pesadelo – a verdade pode estar enredada numa bizarra coleção de mentiras”, escreveu o crítico do *Diário de Notícias*, João Lopes.

Estamos no Irão e são o seu sistema judicial e a sua economia, a sua sociedade entre o passado e a modernidade que estão espelhados neste filme. Mas somos, afinal todos nós, com as nossas contradições e os nossos defeitos, as nossas fraquezas e as nossas forças que passamos também por ali.

Como li algures, Asghar Farhadi, a quem interessa sobretudo a honra e a desonra, a reputação de todos os protagonistas, revela na psicologia das personagens a complexidade da vida de todas as pessoas que tentam safar-se com a verdade, sem verdadeiramente mentir.

No final, irreconhecível, Rahim chega à porta da prisão com o filho e a namorada está à sua espera. Ele entra e espera que o chamem. Enquanto espera, a porta que dá para fora permanece longamente aberta. Ele sabe que vai voltar a sair, que alguém esperará por ele. E nós esperamos que esse dia chegue depressa. Afinal, ele é um homem bom que não chegou a ser herói. ■

Quadras Populares de Santo António

Pedro Teotónio Pereira
Museu de Lisboa
Santo António

As quadras populares fazem parte da tradição das festas dos Santos Populares de junho que celebram o Santo António, o São João e o São Pedro. Surgem em cravos de papel colocados nos manjericos que se oferecem às raparigas, mas também bordadas em lenços ou pintadas em pratos de cerâmica. São quadras muitas vezes irónicas e satíricas, mas sobretudo a celebrar o amor e a festa e, no caso de Santo António, evocando o seu padroado de santo casamenteiro e de protetor dos namorados.



Instalação no portal do Museu de Lisboa – Santo António

Baseia-se na poesia popular portuguesa, com origens que remontam pelo menos ao século XII, ligadas a canções e quadras ao desafio, que evocavam a criatividade e a veia artística do povo para enfrentar as dificuldades do quotidiano.

Normalmente são compostas por conjunto de 4 versos (quadras) que respeitam uma métrica de heptassílabos (7 sílabas), e que rimam em pares (ABAB, ABBA, AABB), recitadas com uma musicalidade característica.

A partir desta memória, a Oficina do Castelo produziu uma instalação para o portal do Museu de Lisboa – Santo António que pretende manter todo o espírito da tradição dos pratos de cerâmica portuguesa com quadras populares.

Recorrendo a novos materiais e técnicas, foi criado um portal com 8 metros de altura com mais de 300 pratos de diferentes tamanhos e motivos.

Os pratos têm quadras recolhidas no cancioneiro popular português do século XVIII e XIX ou criadas de novo, e foram traduzidas nos principais idiomas dos visitantes que durante todo o ano passam pela Igreja-Santuário de Santo António em Lisboa: espanhol, francês, italiano, inglês, alemão, grego, polaco, romeno, húngaro, holandês, búlgaro, croata, coreano, libanês, konkanni (Índia), japonês, chinês, laosiano, russo, filipino, turco e cingalês (Sri Lanka). ■



Descubra esta instalação através do QRCode

Caminhada Sinodal

Sinodalidade: ação e caminho segundo o bem

Um reflexão em dois tons:

escutar e preparar o que dizer propondo cenários de renovação
e ancorar a reflexão na realidade presente
desta guerra absurda, sacrílega e repugnante.

Juan Ambrosio (coordenação)





SINODALIDADE: AÇÃO E CAMINHO SEGUNDO O BEM

Juan Ambrosio

Retomamos neste especial a reflexão sobre a sinodalidade. Fazemo-lo, desta vez, em dois tons que podem parecer distintos, mas que, em bom rigor, se completam e exigem, porque a sinodalidade não pode ser apenas, como já o dissemos, o exercício de algumas metodologias, por mais importantes e necessárias que elas sejam.

Num primeiro momento partilhamos uma proposta que, podendo ser formulada de um modo muito simples, implica a ousadia de perceber que o exercício da escuta pressupõe obrigatoriamente o exercício de falar e daí que façamos a proposta em jeito de provocação: preparar o que dizer. Que a participação de cada um nas assembleias sinodais seja também o resultado de uma preparação, de uma reflexão, de um dizer que recusa o que tem de ser ultrapassado, porque já não serve, e pensa e propõe cenários possíveis de caminho.

No segundo momento, e porque a sinodalidade para o ser verdadeiramente tem de estar ancorada na realidade presente, ensaiamos um exercício de reflexão que se atreve a pensá-la no contexto desta guerra absurda, sacrílega e repugnante.

Mas, o que tem a ver a guerra e a paz com a sinodalidade podemos perguntar-nos.

Não tenhamos dúvidas, a prática da sinodalidade no mundo, à semelhança da sinodalidade na Igreja, pode ser comparada ao caminhar da família humana, o que pressupõe um clima de diálogo que permita que as relações se desenvolvam num clima de confiança recíproca.



Sinceramente, não nos parece haver outro caminho possível. Também aqui a Igreja profeticamente é chamada a alargar os horizontes.

Claro que daqui decorre a responsabilidade de cada um por aquilo que na *Fratelli Tutti* se apelida do “artesanato da paz” (cf. N.º 231).

Por isso não temos medo de afirmar: Não é Deus quem realiza por cada pessoa humana o seu labor próprio: não é Deus quem está em Auschwitz ou em Treblinka ou na Ucrânia, mas os que agem segundo o mesmo bem que é Deus; então, através do ato humano de bem, Deus está presente. E por isso, a Ele, que é a fonte de toda a paz, não podemos deixar de implorar a coragem para o tornarmos presente.

E este é, no fundo, o cerne de qualquer possível sinodalidade: a comunidade de ação segundo o bem; o caminho em comum segundo o bem, que é, por ser segundo e para o bem, sempre, para Deus. ■



SABER ESCUTAR, QUERER FALAR

Inês Espada Vieira

“Ainda a procissão vai no adro”, é certo, mas já estão os andores aos ombros, as crianças vestidas de anjo, as senhoras piedosamente dispostas e já se encostam alguns homens do lado da sombra para ver o cortejo passar.

Falo do Sínodo, aquele processo de nome até há pouco desconhecido, uma palavra nova para um caminho de sempre.

Pelo que podemos ler sobre o processo sinodal em curso na Igreja, com as devidas particularidades de cada região e dos distintos intervenientes (é um dinamismo de toda a Igreja e não apenas da Europa), há um esforço concreto, real, de ouvir as pessoas.

Em Portugal, vozes incrédulas revelam o temor de que o Sínodo seja mesmo só dos bispos e não de todos, leigos de várias idades, com diferentes responsabilidades e envolvimento na Igreja. Por isso, as notícias que nos chegam, nomeadamente, do que está a acontecer em Portugal, são de esperança: há um sincero esforço de escuta. Escutar, como vimos anteriormente, com os ouvidos do coração.

Muito tem sido escrito e dito sobre esta questão. Escutar generosamente é um gesto de empatia, ser escutado é um passo curativo. Às vezes é o bastante.

Todavia, creio que no caminho sinodal escutar não chega. Trata-se mesmo de procurar um diálogo pleno. O diálogo não é apenas uma estratégia de trabalho, ele é o próprio trabalho, é o mapa, é a ação.

Num diálogo não devemos apenas estar preparados para escutar; é importante preparar-nos para falar. Por isso, trago esta proposta em jeito de provocação: preparar o que dizer.

Se tivermos oportunidade de participar numa assembleia sinodal (e por todo o País, em diferentes fóruns, esses encontros estão a acontecer), preparemo-nos, refletindo, selecionando, invocando experiências passadas, construindo cenários possíveis, valorizando o que está bem, recusando o que tem de ser ultrapassado.

Para uma sinodalidade completa e de qualidade, é importante que os padres e bispos escutem os leigos, mas também que nós, leigos, encaremos com entrega e compromisso, esta oportunidade de trazer as nossas aspirações para aquela Igreja que tantas vezes criticamos passivamente. ■



GUERRA, PAZ E SINODALIDADE

Francisco Vaz

É com estupefação, angustia e muita tristeza que de forma algo inesperada assistimos atos de barbárie bem no coração da Europa que nos remetem para um passado, não muito longínquo, onde a iniquidade e o mal foram tratados como coisas banais.

Nunca como no século XX tinha a humanidade sido submetida a tamanha demonstração do poder do mal, mal ético-político, incarnado em pessoas cujo objetivo era apenas o do engrandecimento próprio à custa do sofrimento alheio.

A fé vê na violência, mesmo naquela que é aparentemente mais racional, uma negação do projeto de Deus para a humanidade e, portanto, um mal que não é apenas um “mal físico”, mas sim, uma soma incalculável de sofrimento humano, um “mal espiritual”, na medida em que a interrupção brusca de muitos sonhos e projetos e as vidas aniquiladas representam o fracasso da própria humanidade.

Na sua etiologia a guerra é, sobretudo, um “mal teológico” pois constitui uma rutura do diálogo entre Deus e o Homem e, em certo sentido, um mal que atinge o próprio Deus no seu amor pela humanidade.

O projeto de Deus para a humanidade é, na verdade, um projeto de comunhão: dos homens com Deus, mas também dos homens entre si.

Mesmo no furor da violência a necessidade de paz sentida na interioridade ética do ser humano e a solidariedade objetiva que liga todos os Homens num mesmo destino e os torna responsáveis uns pelos outros, são o sinal dessa vocação para a comunhão.



Grupos sinodais, Paróquia de Santo António dos Olivais, Coimbra.
Foto MSA março 2022

Se a problemática da guerra entre nações assenta em pressupostos geoestratégicos, a decisão de a fazer é da exclusiva responsabilidade pessoal de quem detém o poder, supostamente em nome do povo. O ato de guerra, exercido coletiva ou individualmente, representa sempre um atentado à vida de terceiros, configurando indubitavelmente um “mal comum” e, como tal, um mal infinitamente mais gravoso do que os eventuais resultados aportados aos vencedores.

Por outro lado, a paz assenta sempre no ato de amor que se traduz no carácter pacífico e não violento das relações entre pessoas e que exprime uma das necessidades e aspirações primárias de todos os povos. Sintetizou bem esta ideia João Paulo II num discurso aos elementos do corpo diplomático acreditado na Santa Sé em 2003:

a guerra nunca é uma fatalidade e é sempre uma derrota da humanidade. O direito internacional, o diálogo leal, a solidariedade entre Estados, o tão nobre exercício da diplomacia, são os meios dignos do Homem e das nações.

De facto, a negatividade da guerra produz não só sofrimento, perda de vidas e de bens, mas também deixa um rasto de ódio, de desconfiança recíproca e de insegurança coletiva. A guerra, que sempre foi um “mal comum”, tornou-se cada vez mais absurda e intolerável com o aumento da eficácia destruidora das armas e dos custos humanos e económicos que impõe a toda a comunidade internacional, independentemente dos povos diretamente envolvidos no conflito.

Mas, o que tem a ver a guerra e a paz com a sinodalidade? Tenho para mim que a prática da sinodalidade no mundo, à semelhança da sinodalidade na Igreja, pode ser comparada ao caminhar da família humana, o que pressupõe um clima de diálogo que permita que as relações se desenvolvam num clima de confiança recíproca.

Se queremos que o século XXI, não seja novamente um tempo desumano de grandes destruições devemos envidar esforços para evitar opções que recorram ao uso da violência para dirimir diferentes interesses e educar para o respeito e amor pelo outro.

Só assim será possível edificar a *polis* onde o bem de cada um é alcançado através do bem de todos.

A opção pela guerra é um jogo de sorte e de azar com consequências imprevisíveis, mas sempre trágicas.

Aceitemos, por isso, o convite à reflexão que o Papa Francisco nos endossa na sua mensagem do Dia Mundial da Paz deste ano:

Quero propor, aqui, três caminhos para a construção duma paz duradoura. Primeiro, o diálogo entre as gerações, como base para a realização de projetos partilhados. Depois, a educação, como fator de liberdade, responsabilidade e desenvolvimento. E, por fim, o trabalho, para uma plena realização da dignidade humana. São três elementos imprescindíveis para tornar possível a criação dum pacto social, sem o qual se revela inconsistente todo o projeto de paz. ■



Centro Escolar de São Teotónio que integra estudantes com 32 nacionalidades, distingue-se pela integração de alunos migrantes. Odemira, 9 de março de 2022. NUNO VEIGA/LUSA



SENTIDO E CAMINHO

A ESCUTA DA VOZ DE DEUS
NO GRITO HUMANO PELA PAZ
PREPARAÇÃO PARA O CAMINHO DE VIDA

Américo Pereira

Toda a vida humana é sinodal. Não se trata somente da vida dos cristãos ou dos judeus. O termo “sínodo”, como se sabe, é, aliás, grego, formado a partir da gramática de um povo pagão. A sinodalidade da vida humana é não só universal, mas necessária: “sinodalidade” significa “modo político” de existência, quer dizer, modo de *se ser sempre como relação entre duas ou mais pessoas*.

Todo o ser humano nasce de uma relação política, o ato sexual de que provém (ou algo que o substitua, mas que implica sempre um outro que o realize). É aqui que a sinodalidade fundamental do “ser-se humano” tem a sua origem mais remota em termos antropológicos universais.

Para o cristão, a sinodalidade tem o seu início absoluto em forma trans-mundana na relação política necessária entre criador e criatura: só somos, cada um de nós, porque, em ato político, Deus nos criou, a cada um de nós, iniciando, assim, a fundamental sinodalidade, essa que existe entre esse que criou e esse que foi criado.



Caim mata Abel. Xilogravura de Albrecht Dürer, Nuremberga, 1511. Foto



Rijksmuseum, 2019, Commons Wikimedia.

Toda a nossa existência, se manifesta, assim, como ato sinodal, em que a convivência política é sequência mundana da convivência entre Deus e a sua criação.

Ora, como se prova mítica e simbolicamente no livro fundador da nossa tradição, o *Gênesis*, não é possível que haja uma sinodalidade que permita que se cumpra o melhor bem possível para as criaturas, se não houver paz: quando Caim mata Abel, é a possível sinodalidade humana que se aniquila. O humano aniquila a possibilidade do humano. A história da humanidade deveria ter ficado bloqueada neste e por este ato. Não ficou.

É com a antropologicamente terrível cena de Sodoma e Gomorra que o sentido da ausência de paz, de ordem que permita a vida digna de humanidade, mais grave se torna.

Perante a ausência de paz que se vivia em tais aglomerados de pessoas – não são cidades, que, para o serem, têm de “ser em ordem”, estar em paz – logicamente se levanta a iminência da sua aniquilação. Todavia, também perante tal iminência, levanta-se a voz humana, em suprema aflição e cuidado para com os justos, cuja ruína – aniquilação – macularia o sentido da ação do próprio Deus: “salva as ‘cidades’ em nome do absoluto de bem presente nos justos aí presentes!”.

Segundo a mesma lógica de absoluto de bem, irreduzível, pois é marca substantiva do próprio Deus, dele indiscernível criaturalmente (o bem é sempre con-

substancial a Deus), Deus acede a poupar as ‘cidades’ se nelas houver *algum bem*. A narração é bem conhecida: “e se houver *n*? – Sim, salvo”; “e se houver (*n* – *x*)? – Sim, salvo”; [...]; “e se houver dez? – Sim, salvo”.

Como se sabe, não havia, depois de a voz humana que pediu e seus justos amigos terem saído, rastro de justiça em tais ‘cidades’, pelo que a sua destruição, aniquilação, seguiu a lógica que a provocou.

Sodoma e Gomorra aniquilaram-se por falta de justiça, que o mesmo é dizer, por falta de paz, pois apenas em justiça há paz. Esta última não é senão o modo de vida em que a justiça, em sentido divino, não como direito positivo (o mesmo que produziu as infames e legais ‘Leis de Nuremberga’), impera.

O mito de Sodoma e Gomorra, que não deixa de ser “palavra de Deus”, significa, então, que *não pode haver vida propriamente humana sem justiça, sem paz*.

Significa, assim, que a sinodalidade da vida humana como possível comunidade política – se perfeita, cumpre-se como “cidade de Deus”, como Agostinho tão bem intuiu – não é passível de ser sem que haja justiça e conseqüente paz.

Significa, para lá de muitas outras ‘coisas’, uma outra fundamental em termos antropológicos, éticos e políticos: é que quem tem de realizar a justiça e a paz no mundo são os seres humanos, não Deus.



Não é Deus quem realiza por cada pessoa humana o seu labor próprio: não é Deus quem está em Auschwitz ou em Treblinka, mas os que agem segundo o mesmo bem que é Deus; então, através do ato humano de bem, Deus está presente. Todavia, apenas através deste ato. O mais é magia, estultícia, desresponsabilização: “Deus não foi a Treblinka resolver ‘aquilo’”. Porém, tu também não, tu soldado, tu seminarista, tu operário, tu camponês, tu diplomata.

No entanto, quando cada um dos acima invocados paradigmaticamente, por exemplo, Aristides de Sousa Mendes, fez o bem que podia fazer contra o mal triunfante, este não triunfou exatamente por meio de sua ação, e, nela e por ela, Deus esteve presente.

É este o cerne de qualquer possível sinodalidade: a comunidade de ação segundo o bem; o caminho em comum segundo o bem, que é, por ser segundo e para o bem, sempre, para Deus.

No momento presente, em que a bestialidade predadora de tiranos e oligarcas, a quem tudo se permitiu em nome do poder e da exterior riqueza de que os impotentes são sempre avaros, em que há tantos e talvez tão inesperados atos espontâneos de humana generosidade, encontramos, neste caminhar com as vítimas inocentes da guerra, dando-lhes o divino bem do abrigo e do pão, a melhor forma de sinodalidade.

Caminho conjunto da paz. Sem este caminho conjunto de paz, uma humanidade transformada na bestial aldeia de lobos raivosos de Hobbes, cavará a sua definitiva sepultura, como Sodoma e Gomorra. Se assim for, negada a paz dos vivos, paz eterna a seus cadáveres.

A misericórdia de Deus não é burguesa psicologia mágica: precisa de nós como *instrumentos sinodais de bem, de paz*. ■



Memorial de Treblinka (pormenor).

Foto Tajchman Maria, 2013, Commons Wikimedia

Se formos um mundo sem paz

NÃO MATAR

Se formos um mundo sem paz, a culpa não é deste ou daquele, mas de todos. Se depois de vinte séculos de Evangelho, ainda somos um mundo sem paz, os cristãos também têm a sua culpa.

Todos temos pecado e continuamos todos os dias a pecar contra a paz. Se alguém tem a ousadia de desmarcar-se desta culpabilidade para a fazer recair sobre o adversário peca ainda mais, porque, ao envenenar os ânimos, cria muros e separações com a sua hipocrisia.

Se a culpa do mundo sem paz é de todos e, particularmente, dos cristãos, a obra da paz tem de ser um trabalho comum, no qual os cristãos devem ter um papel específico, como específica é a sua responsabilidade.

Cada esforço em favor da paz tem o seu valor: seja quem for que o fizer, é digno de respeito e benevolência. O político pode fazer escolhas ou avançar exigências, mas o cristão nunca fará isso. O cristão só pode recusar o mal, a fim de compor universalmente todas as coisas boas.

A paz é um bem universal e indivisível: dom e fruto dos homens de boa vontade.

A paz nunca se impõe (“Não vou-la dou como a dá o mundo”); a paz, oferece-se (“deixo-vos a paz”). Ela é o primeiro fruto daquele mandamento sempre “novo”, que a germina e guarda: “Dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros”.

Primo Mazzolari

Estudante da Escola Ucraniana de Riga. Esta escola na Letônia já acolheu mais de 130 crianças refugiadas da guerra na Ucrânia. 22/03/2022 EPA/Toms Kalnins.

Papa Francisco... Há nove anos

Idalino Simões

Francisco e Edith Bruck, sobrevivente do Holocausto. Casa de Santa Marta, Vaticano, 27 JAN 2022. EPA/Vatican Media.

À direita: Francisco na Audiência Geral, 25 SET 2013. A unidade é o aspeto fundamental que define a Igreja. EPA/Claudio Peri.

No dia 13 de março de 2013 ouviu-se uma nova linguagem no Vaticano. Recordar esse momento é olhar para os sinais proféticos que vimos e ouvimos com emoção:

Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos Cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado!

Depois de rezar pelo seu antecessor, o Papa Francisco conclui:

E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade. Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta cidade tão bela!

E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-vos um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-vos que rezeis ao Senhor para que me abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração vossa por mim...

Surpresa e espanto diante duma saudação fora das regras, fora das linguagens hierárquicas...

Mas uma saudação que anuncia aurora de novos tempos na Igreja.

Nunca nenhum papa tinha tido o nome de Francisco. Ele assume-se herdeiro dum projeto fraternal que coloca no centro os pobres. “Não te esqueças dos pobres” ter-lhe-á pedido o Cardeal Hummes.

Estes nove anos reabrem portas fechadas, relativizam normas e cânones, iniciam diálogos imprevisíveis no campo religioso e cultural.

O Concílio Vaticano II volta a surgir como farol iluminador dos caminhos de uma Igreja em saída, uma Igreja Samaritana, uma Igreja do perdão e da alegria. A profecia não estava enterrada... emerge com a força da palavra e com os gestos de mudança deste Papa vindo do fim do mundo. As vozes que tinham sido obrigadas ao silêncio fazem-se ouvir de novo, reivindicando o projeto evangélico do Reino. A alegria surge como luz nos primeiros documentos: *A alegria do Evangelho*, *A alegria do Amor*, *Alegrai-vos e Exultai*.

Abrem-se pontes para territórios que muitos achavam interditos: a ecologia e o cuidado da Terra com a *Laudato Si'* e o diálogo inter-religioso e intercultural com *Fratelli Tutti*. Nove anos que estão a revolucionar práticas e modelos de Igreja, com uma abertura sem precedentes às surpresas do Espírito que sempre vai soprando na Igreja. Os jovens e a mulher são parte importante dos sonhos de Francisco. A *Querida Amazônia* abre uma prática exigente de uma igreja Sinodal, capaz de escutar os anseios e as aspirações dos povos.

Mas Francisco é também o Papa mal-amado pelos setores saudosistas da glória de uma Igreja conquistada no tempo. Só para salientar este aspeto é curioso verificar que a *Infovaticana* (Portal de informação religiosa conotado com os católicos mais conservadores) sublinha apenas dois aspetos nos 9 anos do Papa Francisco: o seu apoio e compromisso na vacinação contra a COVID-19 e a publicação de *Traditionis custodes*. De facto, setores significativos de alguns cristãos, bispos incluídos, continuam a manifestar a sua distância em relação às propostas do Papa nas exigências da tolerância 0 à pedofilia, ao clericalismo, às riquezas da Igreja.

A última surpresa foi o anúncio, no dia de São José, de *Predicate Evangelium*: um decreto de reforma da Cúria Vaticana. Uma Igreja Sinodal, tendo como linha prioritária o anúncio da boa nova do Reino a que todas as estruturas se devem subordinar. A primavera continua... Louvado seja o Espírito que urge escutar, Espírito presente neste povo que é o Povo de Deus.

Obrigado, Papa Francisco! ■

FRANCISCO, nascido Jorge Mário Bergoglio, é o 266º Papa da Igreja Católica, sucedendo ao Papa Bento XVI, que renunciou, a 28 de fevereiro de 2013.

Nasce em Buenos Aires (Argentina), a 17 de dezembro de 1936, filho de emigrantes italianos. Aos 22 anos, entra no noviciado da Companhia de Jesus, sendo ordenado sacerdote, em 1969. Em 1973, é eleito Provincial dos Jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou por seis anos.

Em 1992, o Papa João Paulo II nomeia-o bispo auxiliar de Buenos Aires e, seis anos depois, é eleito arcebispo da mesma cidade. Em 2001, é elevado ao cardinalato. É eleito Papa, a 13 de março de 2013.

Primeiro jesuíta a sentar-se na cadeira de São Pedro, primeiro Papa latino-americano, primeiro Sumo Pontífice não europeu em mais de 1200 anos, Jorge Bergoglio escolheu o nome de Francisco, numa clara referência a S. Francisco de Assis. O ideal de vida do “Pobrezinho de Assis” é a inspiração contínua do seu pontificado, quer nas suas mensagens, quer nos seus gestos concretos.

A sua primeira viagem foi a Lampedusa, a ilha italiana cais de desembarque dos pobres emigrantes e refugiados provenientes de África. Todas as suas viagens têm uma finalidade bem precisa: manifestar o amor e a solidariedade da Igreja aos “descartados” do mundo.

As suas mensagens, nomeadamente as Encíclicas (3) e as Exortações (5) têm em vista a realização plena do Concílio Vaticano II, recordando que a Igreja é para o mundo, pois “todos estamos no mesmo barco”. A Igreja quer caminhar com o mundo (sinodalidade), pois tem um tesouro que quer partilhar com todos os povos: o rosto misericordioso do Pai. A obra da criação também não está esquecida, pois ela é a “casa comum” que nos é confiada para o benefício e a alegria de todos.





Um artesanato para a paz

Juan Ambrosio

Aulas de Português, turma de refugiados ucranianos. Paróquia de Santo António dos Olivais, Coimbra 24 MAR 2022. Foto MSA.

À direita: Bebê da Ucrânia, num campo de refugiados na Moldávia, 9 MAR 2022. Foto EPA/DUMITRU DORU.

Na mensagem do papa Francisco para esta Quaresma podemos ler que se não esmorecermos a seu tempo colheremos, porque o bem, o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre, mas têm de ser conquistados cada dia.

O mesmo se pode e deve dizer acerca da paz, refere a Comissão Nacional Justiça e Paz (CNJP) na sua reflexão acerca da mensagem do Papa. A paz é mesmo, não pode nunca deixar de o ser, um compromisso inadiável para todos os que se dizem cristãos. A paz é o critério da autenticidade da experiência cristã, como podemos depreender das *Bem Aventuranças*: “bem-aventurados os que promovem

a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5, 9). E é-o também quando se encontram cristãos nos lados opostos do tabuleiro geopolítico, como está a acontecer nesta guerra a que, como se diz, assistimos em direto.

A este propósito gostaria de partilhar o desconforto que este ‘direto’ muitas vezes provoca em mim.

Não me refiro à importância da presença dos meios de comunicação social no terreno. Essa presença, sabemos-lo bem, é indispensável e preciosa, de modo a denunciar, não só, todos os crimes de guerra, mas a ajudar-nos a entender, também, que toda a guerra acaba sempre por ser crime. O meu desconforto não se refere a esse trabalho, mas a outras dimensões que brevemente enuncio, pois acho que as deveríamos ter mais em conta.

Dizemos que assistimos à guerra em direto, dizemos que a guerra está no nosso território e isso é verdade, mas não tenhamos ilusões e não nos deixemos enganar, esse assistir é muitas vezes feito a partir do

nosso sofá, no aconchego das nossas casas. As consequências que sofremos são também muito distintas daqueles que estão no terreno e veem o seu país e as suas casas destruídas, as suas famílias divididas, as suas vidas postas em causa. Não digo isto para nos culpabilizar, mas para que não percamos a noção dessa diferença, porque é importante termos essa noção, de modo a podermos verdadeiramente ajudar.

E isso, ainda bem, está a acontecer. A gigantesca onda de refugiados provocou uma outra onda gigantesca de solidariedade. No meio do horror da guerra, vemos uma imensidão de gestos de bondade.

Vamo-nos descobrindo, apesar das diferenças e também por causa delas, como membros de uma única humanidade e, de repente, o sonho enunciado por Francisco na *Fratelli Tutti*, o sonho que muitos apelidam de utópico, revela como, em certo sentido, precisamos mesmos das utopias para transformar o mundo: *sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.*

Não nos cansemos nunca de fazer o bem, diz a mensagem já referida. Não nos cansemos nunca de ser construtores da paz, podemos também afirmar. Para nós crentes, ela é um dom que jamais podemos deixar de pedir a Deus, porque ele é a fonte da verdadeira paz, mas é

igualmente uma exigência que implica, da nossa parte, mudança de atitudes e ações concretas.

A paz é verdadeiramente, lembramos a CNJP, citando o n.º 231 da *Fratelli Tutti*, um trabalho de *artesanato* ao qual todos somos convocados:

Existe uma “arquitetura” da paz, na qual intervêm as várias instituições da sociedade, cada uma dentro de sua competência, mas há também um “artesanato” da paz que nos envolve a todos.

No caminho de preparação que estamos a fazer para a celebração da Páscoa, o compromisso com a construção da paz deve ser inequívoco. Julgo mesmo que deve ser um dos critérios para aferirmos a verdade desse caminhar.

A identificação de tudo aquilo que nas nossas vidas e nas nossas sociedades é obstáculo à paz, bem como a coragem para a sua remoção são condições favoráveis e necessárias para que a celebração da vitória da vida possa ser agente de transformação.

O desejo de celebrar a Páscoa, em que todas as comunidades cristãs estão envolvidas, não pode querer menos do que isso.

Este tempo de Quaresma é também o tempo favorável para vermos e identificarmos tudo o que nas nossas vidas e nas nossas sociedades se configura como obstáculo à paz, de modo a que possa ser removido. ■



Quem canta, reza duas vezes



Inês Santos e Gonçalo Oliveira

Projeto TAU, prêmio claque e 2º lugar no XXV Festival Diocesano da Canção Jovem. Na foto: Pedro Diogo e Sofia Bidarra na percussão, Daniel Diogo e Ana Catarina Santos na voz, João Samuel Diogo na guitarra e na voz, Jorge André “Droó” na guitarra.

A edição deste mês é dedicada à música. Quem já ouviu dizer que “Quem canta, reza duas vezes”? Esta frase de Santo Agostinho foi uma das frases que se destacou da entrevista feita aos jovens do Projeto TAU e reflete, de uma forma geral, o sentimento que os jovens nutrem pela música na sua vivência cristã.

A música é uma das formas artísticas mais antigas do mundo, com origens na pré-história. Tornou-se num meio para o ser humano expressar os seus sentimentos, vivências e valores. Até hoje, funciona como veículo da produção cultural. A variedade musical que se pode encontrar é tão grande e vasta como o número de povos e comunidades da terra. Apesar da grande diversidade, é também um elo de ligação, uma linguagem de paz e partilha.

Na Igreja, também a música tem um papel preponderante, nomeadamente, na manifestação da fé cristã. Era e é através dos Salmos que as pessoas louvam a Deus e os cânticos que se ouvem na missa são formas de celebrar a palavra litúrgica. Tomando o exemplo das orações em Taizé, é na simplicidade dos cânticos que as pessoas encontram a tranquilidade necessária para refletir, rezar e se aproximar de Deus.

Os grupos de jovens costumam também criar as suas próprias músicas e tentar de alguma forma traduzir o que retiram do evangelho e da sua vivência de grupo.

Os jovens partilharam que a música é para eles fundamental e imprescindível nos momentos de oração e na Missa. Descrevem que se sentem em harmonia, paz e alegria quando cantam. Acrescentam ainda que os ajuda a concentrar no momento e lhes dá motivação, compreensão e entendimento para acolher o que a oração lhes pede.

É através da música que eles se sentem mais úteis quando participam nas celebrações, e com ela relaxam durante as orações, amplificando, assim, a sua proximidade com Deus e os outros.

A música como instrumento da fé poderá ser uma das chaves para a ligação entre os jovens e a Igreja. Apesar de cada um de nós viver a música de maneira diferente, sentimo-nos em harmonia uns com os outros, como se tivéssemos “uma só voz”. Nestes momentos, não nos sentimos sozinhos, mas em comunhão. É este sentimento que os jovens procuram e deve ser nutrido e explorado pela Igreja.

“Cantar é rezar duas vezes” e pode ser o convite perfeito para os jovens rezarem mais e melhor. Nem sempre o problema está no conteúdo, mas na forma como ele é apresentado.

É curioso que os jovens caracterizam muitas práticas da nossa Igreja como “secantes”. Parte do desinteresse deles advém da maneira como são vividas as várias celebrações e orações. O terço é uma das formas de oração mais conhecidas, mas que, ao mesmo tempo, mais associamos aos nossos avós. A simplicidade da repetição do Pai Nosso e Ave Maria, pode-se tornar numa das orações mais bonitas e intensas. No entanto, é preciso maturidade e compreensão por quem a reza. Nem sempre os jovens estão prontos ou dispostos para este tipo de oração.

A música deve ser tida em consideração como uma forma de rezar do mesmo calibre, porque permite preparar o coração dos mais novos à relevância da oração na vida cristã. Mais importante, ainda, é dar espaço para que sejam eles a criar novas músicas e formas de oração. Ao darmos espaço à sua participação, eles sentem-se mais envolvidos e motivados a contribuir para a edificação da igreja. ■

XXV FESTIVAL DIOCESANO DA CANÇÃO JOVEM

A música na Igreja é ouvida em orações, na Missa, mas também em festivais! O *XXV Festival Diocesano da Canção Jovem*, organizado pelo SDPJ Coimbra, realizou-se no passado dia 19 de março, na Lousã, e estiveram presentes 6 grupos de jovens, provenientes de vários pontos da Diocese de Coimbra.

O *Projeto TAU* foi um dos grupos que aceitou o desafio de escrever uma música original inspirada no tema deste ano para a JMJ, “Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste!”. O tema “Ir, sem temer” foi recebido com muito entusiasmo pelas pessoas na plateia e sem dúvida que mostrou ser uma grande manifestação do “sim” que afirmamos diariamente como cristãos. O *Projeto TAU* voltou para casa com o Prémio Claque e o 2º lugar muito merecidos!



Na edição online deste mês, estão disponíveis dois bónus: o cântico “Queira eu o que Deus quer”, cantada pelos grupos *Passo a Passo* e *Pedras Vivas* no retiro conjunto em fevereiro; e um vídeo da atuação do *Projeto TAU* no *XXV Festival Diocesano da Canção Jovem*.

Sinalética Antoniana

Fabio Scarsato

É IMPOSSÍVEL NÃO COMUNICAR

Os estudiosos da comunicação afirmam isso, com toda a convicção: ao falarmos, é evidente que as nossas palavras, embora às vezes desconexas, comunicam algo aos nossos interlocutores. Mas mesmo que ostentemos um silêncio teimoso, o nosso silêncio, seja ele de ressentimento ou de admiração, também é eloquente.

Isso é tão verdade que um venerável e antigo Pai do deserto, Abbá Pambo, solicitado para dizer algumas sábias palavras a um bispo que o visitava, assim se safou: “Se o meu silêncio não for edificante, não há qualquer hipótese que o sejam as minhas palavras”.

Há bastante tempo que estamos acompanhando de perto o nosso Santo António: acompanhámo-lo passo a passo desde a sua cidade natal, Lisboa, seguindo para Coimbra e depois Marrocos até à Itália, onde se encontrou com Francisco de Assis, no Capítulo das Esteiras, em maio de 1221. Já falámos disso nos números anteriores da nossa revista. Agora, em 2022, comemora-se mais um precioso aniversário antoniano, que importa aproveitar humana e espiritualmente.

ORA VEJAMOS

Concluído o Capítulo das Esteiras, António é convidado por frei Graciano, ministro provincial da Romanha, a acompanhá-lo até a ermida franciscana de Montepaolo, perto da cidade de Forlì, pois lhe fazia falta para a celebração diária da Eucaristia um frade que fosse também sacerdote.

Estamos no início do verão e António fará parte do pequeno grupo de frades da comunidade de Montepaolo por pouco mais de um ano: um período sobre o qual não há muito para escrever, sendo marcado por uma vida quotidiana de silêncio e de oração, na solidão e na fraternidade. E, de facto, as biografias antigas pouco dizem deste tempo. Naturalmente, os bons frades da ermida ignoraram totalmente a personalidade daquele frade estrangeiro, que vinha de longe, que falava pouco e que, aparentemente, se confrontava com o seu Deus e com algumas feridas, ainda por sarar, mais no orgulho do que no físico. Conhecia o latim para celebrar a Missa e isso bastava para eles. Quanto ao resto, o seu passado, quem era, se tinha estudos, isso pertencia à curiosidade fraterna, sacrossanta, mas inoportuna. Por outro lado, ele próprio também não falava disso. Como tal as estações sucediam-se naturalmente uma após a outra como de costume.

Mas bastava pouco para quebrar a aparente monotonia da vida na ermida. Aconteceu, por exemplo, quando se deu uma ordenação sacerdotal de alguns confrades, na cidade, em Forlì. Os frades de Montepaolo também foram convidados e é provável que tenham aceitado o convite com grande alegria. A celebração realiza-se no “lugar” dos frades franciscanos, para onde foram também convidados, por cortesia, os padres dominicanos.

Na circunstância, provavelmente antes do início da liturgia solene, era costume alguém proferir umas palavras oportunas para o proveito espiritual dos ordenandos: um sermão, um discurso que animasse os espíritos, uma espécie de admoestação antes de enfrentar o acontecimento.

Quem o deveria fazer? Todos, entre os dominicanos e os franciscanos, encontram uma desculpa para fugir ao encargo: falta de preparação, indignidade... Finalmente, o Superior dos franciscanos lembra-se do novo frade português, de nome António, homem reservado e de poucas palavras, mas que certamente teria estudado e estaria em condições de dizer algo a propósito; pelo menos, seria capaz de limitar ou evitar a má figura dos franciscanos.

Dito e feito! Corria, provavelmente, o dia 24 de setembro de 1222, ou seja, exatamente há oito séculos: eis a razão de mais um aniversário Antoniano!

Os antigos relatos, narram o que aconteceu. Enquanto frei António falava, todos os presentes se entreolhavam, com surpresa e admiração, perguntando-se como era possível que um pregador tão sábio e bem preparado tivesse ficado na sombra sem que ninguém se tivesse dado conta!

De facto, naquela tarde, daquele púlpito, António revelou-se ao mundo inteiro.

Provavelmente nem tempo teve de voltar a Montepaolo para apanhar os seus trapos: doravante, ruas e praças, igrejas e conventos estariam cheios de homens e mulheres ansiosos por ouvir a “bela e boa palavra” de António! A sua palavra iria alcançar, e ainda hoje alcança, todos os cantos da terra, apesar das mais diferentes fronteiras e pertencas religiosas. A sua palavra, os seus milagres e muitos outros sinais continuam, ainda hoje, a falar em seu nome, através da linguagem da arte,

Ao longo de 2022, falaremos dos gestos de António, dedicando algumas páginas à sua narração e atualização.

Através deles, António continua, ainda hoje, a falar-nos do amor de Deus para com cada homem e cada mulher.

da liturgia, da caridade, da pregação, da beleza e tantos outros sinais, alguns inesperados.

Ao longo deste ano falaremos, portanto, de alguns destes sinais. Poderão ser utilizados na catequese, na formação dos jovens e não só e nas visitas aos lugares Antonianos. Trata-se de “palavras”, verbais e não verbais, com as quais António continua, destemido, a dizer-nos

quanto Deus ama cada homem e cada mulher. Os seus gestos famosos, gravados nas melhores obras artísticas, tornar-se-ão vivos, atualizados em situações próprias do nosso tempo. Iremos, também, procurá-los e encontrá-los no interior da Igreja de Santo António dos Olivais, na Basílica de Pádua e noutros tempos e lugares da vida da grande família antoniana. ■



Epifania de António - Primeiro sermão de Frei António, em Forlí, 1222, onde ficou patente o seu carisma de pregador. Tela do sev. XVIII, na sacristia da Igreja de Santo António dos Olivais, Coimbra. Foto MSA, 2017.

Orações a Santo António



Querido Santo António, depomos nas vossas mãos as nossas necessidades e sentimos a vossa mediação para sermos ouvidos em nossas preces. A humanidade está nas trevas, acende em todas as pessoas a luz da fé, da esperança e da caridade, Ámen.

Bondoso Santo António, humildemente te pedimos ajuda-nos neste momento de sofrimento e doença. Em ti confiamos, sabes toda a sua dor; da mulher e do filho tem misericórdia, pede a Jesus, à mãe do céu e a Deus por eles, obrigada.

Querido Santo António, ajuda-me a sentir-me amada e a aceitar a história que Deus tem feito comigo. Ajuda-me a descobrir a minha vocação. Permite que eu viva em castidade e possa encontrar alguém que me ame como sou a fim de viver um matrimónio santo. A Cristo eu entregue o meu estudo,

o meu trabalho e todo o meu entendimento. Ilumina o matrimónio dos meus pais e dá saúde à minha tia.

Amado Santo António, ajuda todos quantos estão em missão para salvar os ucranianos, ajuda as vítimas da guerra para que se convertam ao amor de Deus e especialmente enviai conforto às crianças. Ânimo, Força e Fé! Intercede por todos os que têm ajudado, pelos que Deus me confiou, pelos que mais amo, pela minha família... Olha por mim, pelos meus... e olha também pelos que nos perseguem.

Querido Santo António, obrigada por me proporcionar estar aqui. É a primeira vez que venho a esta igreja. Como santo casamenteiro peço que me ajudes a ter uma luz para encontrar o amor, um companheiro que me ame e me aceite como sou e me proporcione uma vida feliz. Obrigada, por me ouvires. ■

MISSA DA FAMÍLIA ANTONIANA

Muitos assinantes e leitores da nossa revista podem para ser incluídos na oração que os Frades franciscanos da Igreja de Santo António dos Olivais elevam, diariamente, ao Senhor para que a Sua graça, pela intercessão de Santo António, desça abundante sobre todos aqueles que a Ele recorrem.

Em consequência disso, os confrades de Santo António acharam por bem promover a seguinte iniciativa: **na primeira terça-feira de cada mês**, a Eucaristia celebrada na igreja de Santo António dos Olivais, em Coimbra, às 18h30, terá uma intenção particular pelos assinantes, amigos, benfeitores e colaboradores, vivos e defuntos, da revista *Mensageiro de Santo António*.

A celebração desta Santa Missa será transmitida em direto nos canais *Youtube* e *Facebook* do *Mensageiro de Santo António*.

Esperamos que esta iniciativa robusteça os laços de fé e de comunhão entre toda a Família Antoniana e estimule todos os cristãos na renovação da sua vida, a exemplo de São Francisco de Assis e de Santo António.



Em cumprimento das disposições legais em vigor (Lei nº 2/99, “Lei de Imprensa”, de 13 de janeiro), a Associação Cultural Mensageiro de Santo António, proprietária desta revista, publica a “Demonstração de Resultados”, referente ao exercício do ano de 2021, bem como o seu Estatuto Editorial, que se encontra também em <https://santoantonio.live/about/>.

Aproveitamos a ocasião para a agradecer a todos os nossos leitores que pontualmente pagam a sua assinatura e, tantas vezes, mesmo no meio de dificuldades, encontram forma de enviar um pouco mais, ajudando assim aqueles a quem a revista chega gratuitamente, em África, nas prisões e a tantos idosos, quando a pensão já não dá para tudo.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS 2021

RENDIMENTOS E GASTOS	NOTAS	DATAS	
		N	N-1
Vendas e serviços prestados		40,070.11	36,819.37
Subsídios à exploração		84.50	0.00
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas		-17,466.22	-16,887.33
Fornecimentos e serviços externos		-21,039.68	-22,734.78
Gastos com o pessoal		-11,590.18	-10,952.58
Outros rendimentos e ganhos		19,661.53	40,483.14
Outros gastos e perdas		-12,765.37	-28,396.68
Resultado antes de depreciação, gastos de financiamento e impostos		-3,045.31	-1,668.86
Gastos / reversões de depreciação e de amortização		-612.54	-2,400.91
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)		-3,657.85	-4,069.77
Juros e rendimentos similares obtidos		0.00	0.00
Juros e gastos similares suportados		0.00	0.00
Resultado antes de impostos		-3,657.85	-4,069.77
Imposto sobre o rendimento do período		-315.83	-447.67
Resultado líquido do período		-3,973.68	-4,517.44

ESTATUTO EDITORIAL

- 1 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO é uma revista de periodicidade mensal, de informação geral, que tem como objectivo prioritário tratar a atualidade portuguesa à luz da herança cultural do primeiro português de dimensão universal: Fernando de Bulhões, Santo António de Lisboa.
- 2 As páginas do MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estão abertas a todas as áreas da vida atual, da política ao desporto, da economia à religião, sempre numa dimensão de respeito pela dignidade humana, com forte componente de informação regional, centrada no eixo Coimbra-Viséu.
- 3 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume com particular empenho o facto de ser meio de contacto entre os portugueses residentes em Portugal e os que se encontram espalhados pelo Mundo. Também os naturais dos países africanos de língua oficial portuguesa, unidos a nós por séculos de história comum, estão na primeira linha das preocupações editoriais da revista.
- 4 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO estimula nas suas páginas o debate de ideias, numa perspectiva de formação global do ser humano. Ao mesmo tempo, quer através de iniciativas próprias, quer apoiando projetos de outras instituições, pretende assumir-se como espaço de referência das publicações portuguesas de inspiração cristã.
- 5 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO – através de secções permanentes, que vão desde a leitura da situação do homem na sociedade em que vivemos até ao acompanhamento regular dos acontecimentos da cultura – está atento à realidade portuguesa, fornecendo dados que permitam ajudar o leitor a lê-la e contribuindo para formar uma autêntica opinião humanística.
- 6 O MENSAGEIRO DE SANTO ANTÓNIO assume finalmente o compromisso de “respeitar os princípios deontológicos da Imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação”.

A misericórdia do Senhor

A PALAVRA DE DEUS

Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus [...].

Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe os outros discípulos: “Vimos o Senhor”. Mas ele respondeu-lhes: “Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão no seu lado, não acreditarei”.

Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles. Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-se a Tomé e disse: “Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente”. Tomé respondeu-Lhe: “Meu Senhor e meu Deus!”.

Disse-lhe Jesus: “Porque Me viste acreditaste; felizes os que acreditam sem terem visto”.

Jo 20, 19-31

A PALAVRA DE SANTO ANTÓNIO

Ó divina disposição, ó piedosa dúvida do discípulo!

“Se não vir nas suas mãos...”.

Desejava ver o tabernáculo de David reedificado, porque caíra.

Por David entende-se a divindade;

pelo tabernáculo, o corpo do mesmo Cristo, no qual esteve a divindade.

Esse tabernáculo partiu pela sua paixão e morte.

O Senhor reparou-o na sua Ressurreição.

Dele diz Tomé: “Se não vir nas suas mãos...”.

O piedoso Senhor não quis deixar perplexo o discípulo que duvidava piedosamente e, misericordiosamente, lhe tirou todas as trevas da dúvida.

Respondeu Tomé: “Meu Senhor e meu Deus”.

Não diz: porque tocaste, mas: porque viste.

A vista é um sentido de algum modo geral, que costuma abranger os outros quatro.

Talvez não ousou tocar, mas viu olhando somente ou ainda tocando.

Via e tocava o homem e, acima do que via e tocava, acreditava, já removida a dúvida, e confessava o que não via.

“Tomé, viste-me homem e acreditaste-me Deus”.



Sermões de Santo António, Domingo na oitava da Páscoa



Frei Valentim Strappazzon

Mozaico **A dúvida de Tomé**. Catedral de Santa Maria-a-Nova, Monreale, Sicília. Construção iniciada em 1147, por ordem de Guilherme II da Sicília, nela trabalharam mestres árabes, venezianos e bizantinos. Foto 2015 José Luiz I Commons Wikimedia.

APROFUNDAMOS

António julga positivamente a dúvida de Tomé e o seu ato de fé, realizado não com o tocar, mas com o ver.

A dúvida: uma graça. A dúvida é considerada, não como um defeito, mas como um ato positivo, um gesto de piedade da parte de Deus, que permite ao discípulo, não hesitar no seu ato de fé, mas torná-lo mais seguro. Em outra passagem dos *Sermões*, António julga positivamente a alternância da certeza que a fé dá sobre as verdades eternas e o vento da dúvida que deixa espaço para a busca de uma fé mais adulta: “A terra e o mar são desviados ao mesmo tempo, quando a fé certa acerca das verdades eternas fortalece o espírito e o vento da dúvida o desvia para aqui e para lá”.

A dúvida de Tomé é, portanto, um gesto de misericórdia da parte de Deus: “Ó divina disposição, ó piedosa dúvida do discípulo!”

Ver e crer. Jesus não disse a Tomé: “Tu acreditaste, porque tocaste, mas: porque viste”. A visão é um sentido geral que abrange os outros quatro. Talvez ele não se atreveu a tocar, mas viu com o olhar de seu coração e tocou. Ele viu Jesus como um homem e, acima do que viu, tocou com os olhos do seu coração e acreditou que ele era Deus.

Oh, quanto mais afortunados, assegura Jesus, são aqueles que acreditam sem terem visto! Na altura em que João escreveu o Evangelho, muitas comunidades cristãs não tinham chegado a ver Jesus, mas acreditaram no testemunho daqueles que o viram, especialmente no dos mártires. Nós também nos encontramos no número desses crentes, que veem Jesus com os olhos da fé. A nossa fé não se baseia no facto de ter visto Jesus pessoalmente, mas por vê-lo e ouvi-lo em tantos pobres e sofredores do nosso tempo.

Peçamos à misericórdia de Jesus Cristo que tire do nosso coração toda a dúvida e imprima nos nossos corações a fé na sua paixão e ressurreição. ■

CONSAGRAÇÃO DA UCRÂNIA E DA RÚSSIA AO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA



Ó Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe,
recorremos a Vós nesta hora de tribulação.
Dilaceramos com a guerra o jardim da Terra,
ferimos com o pecado o coração do Pai,
que nos quer irmãos e irmãs.
Perdemos a humanidade, malbaratamos a paz.
Tornamo-nos capazes de toda a violência e destruição.
Temos necessidade urgente da vossa intervenção materna.



Por isso acolhei, ó Mãe, esta nossa súplica:
Vós, estrela do mar, não nos deixeis naufragar na tempestade da guerra;
Vós, arca da nova aliança, inspirai projetos e caminhos de reconciliação;
Vós, «terra do Céu», trazei de volta ao mundo a concórdia de Deus;
Apagai o ódio, acalmai a vingança, ensinai-nos o perdão;
Libertai-nos da guerra, preservai o mundo da ameaça nuclear;
Rainha do Rosário, despertai em nós a necessidade de rezar e amar;
Rainha da família humana, mostrai aos povos o caminho da fraternidade;
Rainha da paz, alcançai a paz para o mundo.

Tecestes a humanidade para Jesus, fazei de nós artesãos de comunhão.
Caminhastes pelas nossas estradas, guiai-nos pelas sendas da paz

Ámen

Papa Francisco, na Basílica de São Pedro, Roma, e Cardeal Konrad Krajewski, esmoler pontifício, na Capelinha das Aparições, Fátima. 25 de Março de 2022, Foto Luís de Oliveira | AF_SantuárioFatima e Vatican News.